

Uma Tragédia no Amazonas

Raul Pompéia

I - UMA HABITAÇÃO

Algumas léguas ao sul do Monte Puracê, emanam do solo as águas do Iapurá, que, de campina em campina, de bosque em bosque, passam o Equador e entram no grande Império americano, para aí, espumando, confundir-se com as ondas do soberano dos rios, o Amazonas.

O viajor que subir a sua margem esquerda encontrará a modesta povoação de S. João do Príncipe, e se continuar a subir, ver-se-á logo em uma espaçosa várzea matizada de transparente verdura, que, de um lado, se estende a perder de vista, de outro, metamorfoseia-se em floresta, correndo por entre o Iapurá e montanhas tapetadas de um esverdeado sombrio, que corcoveando qual monstruosos golfinhos vão ao longe desmaiar em azul o seu colorido suave.

O povoado e essa extensa planície comunicam-se por uma estreita picada.

É um desses caminhos de poesia selvática que se insinuam sob as abóbadas do arvoredado, parecendo destinados somente ao encanto do olhar.

A sua direita ostenta-se com toda a opulência, a mata virgem do Brasil, enredada de cipós que descrevem as mais caprichosas curvas, entre os idosos troncos guirlandados de parasitas, onde mil macaquinhos ligeiros soltam inquietos gritos, suspensos pela cauda, ou voando de ramo em ramo.

Do meio das moitas de arbustos, saem, às vezes, cobrinhas, que atravessam a picada avançando prudentemente para o outro lado.

À esquerda desliza o afluente do Amazonas, murmurando ao entrar nas criptas formadas pelas rochas alcantiladas, que se empinam sobre as águas, ora calvas, ora cobertas de vegetação.

No lugar em que esta estrada desemboca da floresta, erguia-se, há alguns anos, uma habitação de aparência alegre, caiada de branco e edificada de maneira que causaria pasmo a quem não esperasse encontrar o civilizado em lugares onde a natureza é a rainha.

Quase mergulhada em um magnífico roseiral, tinha essa morada por única trincheira uma cerca de varas retorcidas, que ia terminar junto à palissada do redil do gado.

Aí residia Eustáquio de..., subdelegado de polícia, na freguesia que abrange S. João do Príncipe, entre outras povoações, em companhia de sua esposa, Branca e uma linda orfãzinha de nome Rosalina, servidos por dois escravos, Ruperto e Silvano.

Natural de Pernambuco era Eustáquio um homem enérgico, inteligente e talvez ilustrado; quanto ao físico era, como se usa dizer, nem alto nem baixo, musculoso e forte possuindo uma constituição moldada aos mais ardentes climas.

O seu rosto moreno velava, em parte, uma barba negra e cerrada como os supercílios que sombreavam dois olhos brilhantes.

Tinha alguma fortuna, o que era por todos ignorado.

Branca, sua consorte, havia pouco mais de dois anos, nascera em Manaus e tendo ido completar a educação em Pernambuco de lá voltara com Eustáquio, que a desposara, levado pelos seus dotes físicos e morais.

Desembarcando na cidade do seu nascimento soubera Branca que daí partira o seu pai para S. João do Príncipe, o que motivou a viagem que fez ela para essa povoação.

Achava-se o velho sogro de Eustáquio habitando uma casinhola, que foi a moradia deste, até findar-se a construção dessa casa mais confortável de que acima falamos.

Poucos meses sobreviveu o velho à sua nova instalação, lançando o seu falecimento o luto no domicílio de Eustáquio.

Havia o limiar de Branca sido franqueado a um entezinho nascido na penúria e para quem muito cruel se mostrara a Providência. Era Rosalina, que assim viera adicionar um membro á pequena família do subdelegado.

Formosa como a flor, essa criança mostrou-se grata aos seus protetores, revelando em todos os movimentos uma alegria que fazia esquecer quanto a sua almazinha fora malhada pelo sofrimento e dilacerada pelo destino.

Ruperto e Silvano eram simplesmente dois negros, mas devemos acrescentar, dois crioulos briosos e amigos devotados do seu senhor.

Na época a que nos referimos no começo desta narração, o luto pelo pai de Branca já desaparecera, sufocado pelo prazer que reassumia o seu lugar no lar de Eustáquio.

Quase todos os dias, apenas os alvares matutinos principiavam a branquear no oriente, Branca e a menina saíam de casa e, com as vestes em desalinho, iam, à beira do rio, ver surgir o astro da luz.

Com divertimentos semelhantes, levavam uma existência feliz, inda que monótona, quando começaram a dar-se incidentes que trouxeram a inquietação ao ânimo de todos.

Desapareciam animais, outros amanheciam degolados e agonizantes, plantações devastadas e porteiras lançadas por terra.

Estes danos, partos da perversidade, não eram, talvez, mais que o prelúdio de alguma catástrofe remota.

Eustáquio, sobressaltado, velou muitas noites e, percorrendo com Ruperto o campo e a floresta, prestava ouvidos mesmo ao sussurro do vento que curvava os altos galhos das castanheiras, ligeiramente prateadas pelo luar.

Tudo foi embalde.

Entretanto a importância das perversidades subia gradualmente.

O subdelegado, receoso de uma dessas correrias medonhas de selvagens, que levam a devastação às mais magníficas paragens, deixando impressos os seus passos em uma trilha de cadáveres e de cinzas e fazendo fugir diante de si centenas de famílias expostas às suas crueldades, determinou guarnecer a sua morada, assim como o povoado de uma força militar, porém não encontrou soldados em S. João do Príncipe nem nas povoações vizinhas.

Só lhe restava, pois, pedir socorros a Manaus, onde se achavam as autoridades superiores da polícia, mas este proceder avultaria acontecimentos que podiam também ser

simplesmente vinganças sem valor dos muitos inimigos que possuía, como os possui, quem conscienciosamente administra a justiça, o que incutiria imotivado terror no espírito dos habitantes da vila.

Para isso evitar, Eustáquio contentou-se com aguardar as circunstâncias do futuro.

Foram-lhe elas favoráveis, chegando ao povoado dois guardas vindos de Uarivan, que foram postos a seu serviço.

Quotidianamente, ao anoitecer, avistava-se os dois soldados subindo silenciosos a picada, a fim de se postarem à porta do subdelegado cujas providências suspenderam, ao menos aparentemente, a série de malvadezas contra ele praticadas.

A vista da sua superfluidade, não duvidou Eustáquio em dispensar os serviços dos policiais, que se retiraram definitivamente para S. João do Príncipe.

II - DOIS VIAJANTES

A peça principal da casa de Eustáquio era uma sala, de boas dimensões, entre paredes de imaculada alvura, que era clareada por três janelas de caixilhos brancos.

Uma tarde, achando-se o subdelegado ausente por exigências do seu cargo, estavam Branca e Rosalina assentadas junto de uma dessas janelas, entretidas na leitura de um livro, iluminado pelo brando clarão roxeado que algumas vezes tingia as paisagens, ao crepúsculo, quando ouviram duas leves pancadas na porta.

- Eustáquio! exclamou a jovem filha de Manaus regozijando-se com a chegada do esposo.

Deixando cair o livro sobre uma pequena mesa, correu à porta. Quando, porém, começava a suspender uma tranca de ferro que a reforçava, recuou e disse vivamente, em voz baixa:

- Não, é impossível, não é ele, pois que quando partiu assegurou-me que só amanhã estaria de volta.

Rosalina olhou Branca e viu-a tornar-se lívida e tremer levemente.

- Tem medo, mamãe? perguntou ela concedendo à esposa de Eustáquio esse doce epíteto.

- Na verdade, Rosalina, sinto-me, não sei porque, atemorizada... aqueles acontecimentos... a ausência de meu marido... tenho apreensões horríveis...

Nesta ocasião, apresentou-se Silvano em uma das portas interiores, que dava entrada para um corredor, algum tanto enfumaçado pelos vapores da cozinha que ficava na sua extremidade.

Branca acenou-lhe para que fosse saber quem batera. O preto abriu mui cautelosamente a porta, depois de alguns instantes fechou-a e, rindo-se da sua extrema prudência, anunciou dois viajantes.

A senhora, tranqüilizada, disse:

- Convide-os a entrarem.

Abriu-se de novo a porta, e dois indivíduos se mostraram sobre a soleira.

Um deles era um homem alto, cheio de corpo, de porte sereno mas intrépido, cuja boca desaparecia, encoberta por dois bigodes louros que formavam a base de respeitável nariz, verdadeira pirâmide do Egito. Trajava de viajante trazendo a tiracolo uma espingarda.

O outro era um rapazinho de dez ou doze anos. Tinha o rosto, de beleza pouco vulgar aos do seu sexo, aureolado de cabelos de ouro, tendo seus olhos um tom de atrevimento superior a sua idade.

Estava vestido como o companheiro, possuindo como ele uma boa espingarda.

Os recém-chegados e a dona da casa trocaram os cumprimentos. Em seguida Branca dirigindo-se ao mais velho deles perguntou:

- Em que poderei ser-lhe útil, meu senhor?

- Já vos direi, minha cara senhora, começou o viajante que pela entonação da voz parecia francês, porém depois que souberdes quem sou.

"Chamo-me Henrique Dugarbon, minha pátria é a França. Por amor de aventuras estou no Brasil, e há já dois anos que eu o percorro em todos os sentidos.

"Este menino é meu filho Otávio, que me tem seguido por toda a parte.

"Os perigos das minhas viagens têm crescido desde que sai de Manaus.

"Três semanas já se passaram, depois que deixei as margens do Rio Negro, durante elas andei errando pelas florestas, rompendo os matagais e transpondo, com dificuldade e perigo, os largos pântanos e as regiões dominadas pelos selvagens. vindo suspender a minha jornada diante das águas do Iapurá, que banha os alicerces de S. João do Príncipe, onde há de ficar esta criança.

"Os motivos que me forçam a isso são as provações que, bem o sei, me esperam nas excursões que tenciono fazer através da imensa porção do Brasil que está ao norte do Amazonas e a elas não quero sujeitar uma natureza débil como a de Otávio... Neste ponto o menino quis falar, mas, vendo o pai continuar, conteve-se, deixando rolar uma lágrima pela face rosada... O que espero da vossa bondade, devo agora dizer-vos, é unicamente o favor de indicar-me o caminho a tomar para a povoação."

- Sr. Dugarbon, muito mais tenho feito por outros peregrinos; o que o senhor me pede não é um favor, pois que tenho obrigação de o fazer.

"Eu mesma levá-lo-ei, depois que houver ceado, até a embocadura do caminho, que poucos passos separam daqui."

A graciosa Branca falava com a naturalidade franca de uma provinciana brasileira.

- Minha excelente senhora, no meu coração agradecido se perpetuará a lembrança do acolhimento que me dais.

- Ora, não lhe admire isto, senhor, o que faço qualquer outro o faria, venha portanto provar, como o seu Otávio, do que para vós mandei preparar.

Enquanto Branca, a orfãzinha e os dois franceses tomavam assento em volta da mesa de jantar, coberta com uma toalha de linho e alumada por um lampião de querosene, pois já era noite, cujo *abat-jour* fazia cair a claridade sobre um assado de carneiro, Silvano, contente, celebrava a recepção de quatro camaradas, companheiros de viagem do francês.

Todos eles deviam se ir munir do necessário em S. João do Príncipe, para continuar a jornada.

Correu a refeição perfeitamente, versando a conversação sobre as maravilhas vistas pelos viajantes.

Otávio e Rosalina tinham travado inocente amizade e, sem que o pai visse, aquele presenteara a esta com um pedacinho de ouro grosseiro, recebendo da menina uma mãozinha de coral que ela costumava trazer ao pescoço.

Já se erguiam da mesa, quando um assobio demorado e forte feriu os ouvidos de todos.

Fez-se absoluto silêncio e cada um se interrogava mudamente.

Branca estava grandemente assustada e o francês aproximou-se, cheio de calma, da janela.

A noite era escura, mas a luz das constelações bastou-lhe para perceber três ou quatro vultos que se chegavam para o cercado.

- Há novidade por aqui, disse, mas nada têm que temer.

- Camaradas! gritou com voz máscula mas serena, fogo naquela direção!

Quatro balas partiram, porém nada lhes respondeu.

Fechou-se a janela.

- Minha senhora, disse gravemente Dugarbon, ainda não tive a indiscrição de perguntar-vos se tendes pai ou marido que more convosco mas este incidente me obriga a fazê-lo.

- Correis perigo, esta gente não me parece bem intencionada.

- Aqueles homens que lobriguei são sem dúvida, continuou o francês, bandidos que vos espreitam.

- A mim não, interrompeu a esposa do subdelegado, mas a meu marido.

- Assim pois, sois casada, não?

- Sim senhor, com Eustáquio, subdelegado desta freguesia.

- Podeis dizer-me onde se acha ele, agora?

- Acha-se fora ocupado em investigações sobre um roubo de pouca valia, deve voltar amanhã, se o permitir o céu.

- Tenho, assim, minha senhora, o prazer de comunicar-vos que, antes da chegada do Sr. subdelegado, não deixarei esta casa, para vossa segurança.

Branca, que não encarava sem terror a idéia de uma agressão, aceitou contente.

- Obrigada, disse, do seu caráter não esperava outra cousa, todavia creio que a minha segurança não exige que não repousem o senhor e o seu filho das suas fadigas.

- Aquela alcova é dos viajantes e portanto do senhor. Falando assim apontava para uma porta de vidraças, cobertas com pequenas cortinas de cassa, que, meio-aberta, deixava entrever duas camas, comodamente paramentadas.

O oferecimento foi bem recebido e, desejando a Branca e Rosalina boa noite, os dois peregrinos entraram para o aposento indicado.

Silvano e os camaradas assentaram-se perto da entrada e aí adormeceram.

Com Rosalina recolheu-se a mulher de Eustáquio, não antes de amortecer a chama do lampião, que começou a espalhar pela sala essa luz escura que tanto agrada a Morfeu.

III - PRIMEIRAS DESGRAÇAS

No dia seguinte, mal principiava a aurora a derramar suas torrentes de ouro sobre o dorso sinuoso dos cirrus do nascente, já longe da cama estavam todos.

O café fora servido por Silvano, que foi, depois, abrir a porteira.

Quando voltava dois homens saíam da picada, dirigindo-se para a morada de Branca.

Era um Eustáquio, que volvia aos seus penates, e o outro Ruperto, seu escravo.

Depois da explosão de alegria que fez Branca pela volta do esposo foi o francês apresentado a este que não pôde deixar de o abraçar ao saber do interesse que por sua consorte havia mostrado.

Henrique Dugarbon olhou, então, para o oriente.

O sol vinha nascendo, de um aspecto imponente, e os seus raios purpurinos, de horizontalidade quase perfeita, iam desenhar, na parede da casa, a sombra do grupo formado pelos seus donos e hóspedes.

- Minha senhora, disse em tom solene, Sr. Eustáquio, a Providência, que me trouxe a vossa casa, onde fui acolhido como nunca o esperei, ela mesma me manda hoje deixar-vos

"Vou prosseguir na minha tarefa. Talvez tenha de oferecer a minha vida em holocausto à ciência, mas se assim não for, eu vos juro, pelo criador daquele astro, que vos hei de pagar o que por mim tendes feito.

"Recebei os meus sinceros, ainda que insuficientes agradecimentos, que vos transmito por este adeus."

Eustáquio se declarou sentido pela rápida partida do francês, porém este, obstinado, afastou-se para o rio, depois de ardentes abraços e apertos de mão.

O subdelegado, a mulher e Rosalina acompanharam com a vista o francês e seus companheiros, até vê-los desaparecendo atrás dos cacaveiros da picada.

Em seguida o marido de Branca falou à família.

- A tentativa de ataque de que foi vítima a nossa casa, esta noite, me parece um aviso.

"Terão de recomeçar as minhas perseguições? Julgo que sim.

"Devo portanto, sem demora, garantir a minha segurança."

- Silvano, disse ele, dirigindo-se ao escravo, tens que ir hoje à povoação, para engajar os soldados que se te apresentarem.

"São dois somente, mas bastam."

Algumas horas depois seguia o negro em direção ao povoado, de onde, pouco antes, partira Dugarbon para o norte.

À tarde chegaram os policiais, mas, fato estranho, Silvano não voltou.

Isso excitou a curiosidade e o receio em Eustáquio que saiu logo, com os dois guardas, para S. João do Príncipe.

No caminho encontraram grandes manchas de sangue escuro, que não tinham sido apercebidas pelos soldados, quando eles por aí passaram.

Disso concluíram o assassinato do infeliz Silvano, pois que os policiais asseguravam que ele deixara o povoado apenas cumprida a sua missão.

Verdadeira dor sentiu o subdelegado pela perda do seu dedicado servo, mas entrou em casa com ar satisfeito, dizendo que enviara o negro a Belém.

Esta asseveração não pôde desvanecer as suspeitas de Branca nem de Rosalina, principalmente depois da desgraça que sobreveio.

Muitos dias fizeram os policiais o seu serviço, com toda a regularidade, até que, em uma ocasião, vindo eles ao por do sol pela estrada, um ao lado do outro, o estalo de um tiro despertou os pássaros que se acomodavam nos ninhos.

Um dos soldados fora ferido na perna esquerda e jazia caído.

O outro correu direto ao tiro, cuja fumaça dissolvendo-se pela viração se elevava vagarosamente acima das ervas que vegetam nas ribas do lapurá, mas nada viu. Desceu a encosta da ribanceira, com uma pistola engatilhada, e chegando à flor d'água começou, com os olhos investigadores a percorrer o rio.

No fim de alguns momentos, observou que a água, enegrecida pela noite, já próxima, se agitava ao longe.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

